

A COR DOS TEXTOS: POSSÍVEIS INDÍCIOS INTERTEXTUAIS DE CATEGORIZAÇÃO RACIAL*

RAFAHEL JEAN PARINTINS LIMA**

Resumo: *O presente trabalho investiga indícios intertextuais do papel da categorização racial para o (des)alinhamento ao sentido atribuído por autores de artigos de opinião à etiqueta/hashtag #SomosTodosMacacos. A hashtag #SomosTodosMacacos foi publicada na rede social Instagram por Neymar Júnior no dia 27 de abril de 2014 em reação a um evento racista ocorrido no mesmo dia contra o seu então colega de equipe Daniel Alves, durante uma partida de futebol. O trabalho baseia-se nos estudos sociocognitivistas da Linguística Textual e em uma perspectiva socio-histórico-cultural de categorização racial. A metodologia consistiu na análise de formas intertextuais de 10 artigos de opinião publicados entre 27 de abril e 3 de maio de 2014 sobre a hashtag #SomosTodosMacacos. Os resultados do estudo sugerem que os autores negros tendem, por meio de formas intertextuais de desalinhamento e outras construções textuais, a assumir um posicionamento crítico em relação ao sentido implicitamente racista atribuído à #SomosTodosMacacos.*

Palavras-chave: *Categorização racial; Intertextualidade; Texto.*

Abstract: *This study investigates intertextual clues of the role of racial categorisation in the (dis)alignment of the meaning attributed by opinion articles' authors to the hashtag #SomosTodosMacacos. The hashtag #SomosTodosMacacos was posted on the Instagram social network by Neymar Júnior on April 27, 2014, in response to a racist incident that occurred on the same day against his then-teammate Daniel Alves during a football match. The study is grounded in socio-cognitivist studies of Textual Linguistics and a socio-historical-cultural perspective on racial categorisation. The methodology involved analysing intertextual features in 10 opinion articles published between April 27 and May 3, 2014, regarding #SomosTodosMacacos. The study's findings suggest that black authors tend to adopt a critical stance toward the implicitly racist meaning attributed to the #SomosTodosMacacos through intertextual forms of disalignment and other textual constructions.*

Keywords: *Racial categorization; Intertextuality; Text.*

* Este artigo é produto da apresentação de comunicação oral *A cor do texto: indícios intertextuais da categorização racial* proferida pelo autor durante o colóquio *Os textos têm cor? Perspetivas e representações do racismo*, de 13 a 14 de outubro de 2022, organizado pelo grupo «Representações Locais e Globais» do CITCEM (Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória) da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

** Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Email: rafahel.parintins@ufrn.br.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é um estudo preliminar desenvolvido a partir de um recorte de nossa pesquisa de doutorado (Parintins Lima 2019). O objetivo deste estudo é o de investigar, em artigos de opinião sobre a etiqueta/*hashtag* #SomosTodosMacacos, indícios intertextuais do papel da categoria racial de autores brasileiros (negros e brancos) para a afiliação ou não ao sentido atribuído por eles a essa *hashtag*. Em outras palavras, procura-se construir uma hipótese para a seguinte pergunta: as expressões linguísticas intertextuais estão atreladas de alguma forma à categoria racial do autor?

A *hashtag* #SomosTodosMacacos foi publicada originalmente na rede social Instagram em 27 de abril de 2014 pelo jogador negro e brasileiro de futebol Neymar Júnior em reação a um evento racista realizado por torcedores do clube Villarreal contra o seu então colega de equipe do Barcelona Futebol Clube Daniel Alves, também brasileiro e negro, durante uma partida de futebol na Espanha. A *hashtag*, depois de publicada, apesar de ter sido inicialmente bastante reproduzida nas redes sociais, foi posteriormente vista como racista ou, no mínimo, como uma forma duvidosa de se posicionar contra o referido evento racista, por propor «positivar» a representação altamente negativa do negro como macaco (Santos 2014; Mainieri e Mendonça 2014, e outros autores).

O presente trabalho enquadra-se nos estudos sociocognitivistas da Linguística Textual (Antos 1997; Koch 2004) e nos estudos socio-histórico-culturais de raça (Munanga 1999; Bethencourt 2018 [2016]). De acordo com o primeiro campo de estudos, o texto pode ser considerado uma forma de cognição social (Koch 2004), isto é, ele constrói sentidos e conhecimentos socialmente relevantes. Segundo o segundo campo de estudos citado, raça é um constructo cujos sentidos dependem do contexto socio-histórico-cultural em que emergem (Whitehead 2018; Bethencourt 2018 [2016]).

O presente estudo baseia-se na análise quantitativa e qualitativa de formas intertextuais utilizadas em 10 artigos de opinião publicados em revistas, jornais e portais de notícia relevantes no Brasil, entre 27 de abril e 3 de maio de 2014, isto é, na semana imediatamente posterior à publicação da *hashtag* #SomosTodosMacacos, no Instagram, por Neymar Júnior.

Os resultados do estudo sugerem que os autores negros de alguns dos artigos de opinião tendem, por meio de formas intertextuais de desalinhamento (como «somos todos macacos coisa nenhuma» e «não somos macacos») e outras construções textuais, a assumir um posicionamento crítico em relação ao sentido implicitamente racista atribuído à *hashtag* #SomosTodosMacacos, por ela remeter à representação racista do negro como macaco.

1. CONTEXTUALIZAÇÃO: A HASHTAG #SOMOSTODOSMACACOS

A produção e a publicação dos artigos de opinião aqui analisados tiveram como contextos relevantes os seguintes:

- *Contexto relevante 1: o ato racista de torcedores do Villarreal ao jogarem bananas contra DA [Daniel Alves] na partida de futebol de 27 de abril de 2014 na cidade de Villareal, na Espanha, quando este jogava pelo Barcelona [...].*
- *Contexto relevante 2: a ação de DA de comer uma das bananas jogadas, entendida predominantemente como uma resposta ao ato racista sofrido por ele na mesma partida de futebol [...].*
- *Contexto relevante 3: as postagens de NJ [Neymar Júnior, no Instagram], também jogador pelo Barcelona, na época, por meio das quais publica a hashtag #SomosTodosMacacos responsivamente às ações e eventos apontados nos contextos 1 e 2 acima [...].*

Outros contextos relevantes estão envolvidos na publicação da hashtag #SomosTodosMacacos e são atualizados nos textos [os artigos de opinião], mas listamos acima os mais situacionalmente relevantes (Parintins Lima 2019, p. 101).

A seguir, apresentam-se os textos que Neymar Júnior publicou no *Instagram*, para que se possa compreender a intencionalidade comunicativa das publicações:

Exemplo 1

Texto da postagem de Neymar Júnior com a *hashtag* #SomosTodosMacacos
Data: 27 de abril de 2014

*Deeeeitou @danid2ois
TOMAAAAA BANDO DE RACISTAS
#SOMOSTODOSMACACOS e daí?*

Fonte: NEYMAR JÚNIOR, 2014a

Exemplo 2

Texto no vídeo de NJ com a *hashtag* #SomosTodosMacacos
Data: 27 de abril de 2014

*No futebol, é comum ver torcedores chamando jogadores de macaco.
Mas a melhor maneira de acabar com o preconceito é tirar seu peso.
Uma ofensa só pega quando irrita você.
#SOMOSTODOSMACACOS*

Fonte: NEYMAR JÚNIOR, 2014b

Os artigos de opinião aqui analisados remetem ou aludem a um ou mais desses contextos, atualizando-os no texto por meio de diferentes construções textuais; entre elas, as formas intertextuais.

2. A QUESTÃO DAS FORMAS INTERTEXTUAIS

Adota-se aqui como abordagem teórica da linguagem a Linguística do Texto em sua vertente sociocognitivista e interacionista (Antos 1997; Koch 2004). Nessa abordagem, o sentido é construído por meio de textos. O texto, em relação à sua constituição, é um evento comunicativo para o qual convergem ações linguísticas, cognitivas e sociais (Beaugrande 1997, p. 10). Em relação às suas funções socio-cognitivas, o texto é uma forma de cognição social (Antos 1997), no sentido de que constrói sentidos e conhecimentos socialmente relevantes:

Os textos não são apenas meios de representação e armazenamento (arquivos) de conhecimento — portanto, não são apenas «realizações» linguísticas de conceitos, estruturas e processos cognitivos — mas sim formas básicas de constituição individual e social do conhecimento; ou seja, textos são linguística, conceitual e perceptualmente formas de cognição social.

Os textos não só tornam visível o conhecimento, mas sobretudo tornam-no sociocognitivamente existente (Koch 2004, pp. 171-173).

É da Linguística Textual que se adotam aqui como categorias linguísticas de análise as expressões linguísticas de intertextualidade ou, conforme as chamamos (Parintins Lima 2019), as «formas intertextuais». Estas são expressões linguísticas que estabelecem relações entre textos remetendo, aludindo ou citando um texto anterior tomado como conhecido ou ainda remetendo ou aludindo a sentidos prévios, não necessariamente ligados a um texto identificado (Koch 2004; Koch, Bentes e Cavalcante 2008). Trata-se de uma visão de intertextualidade *stricto sensu*. Esse tipo de intertextualidade

ocorre quando, em um texto, está inserido outro texto (intertexto) anteriormente produzido, que faz parte da memória social de uma coletividade ou da memória discursiva (domínio estendido de referência, cf. Garrod, 1985) dos interlocutores. Isto é, em se tratando de intertextualidade stricto sensu, é necessário que o texto remeta a outros textos ou fragmentos de textos efetivamente produzidos, com os quais estabelece algum tipo de relação (Koch, Bentes e Cavalcante 2008, p. 17).

Nesse sentido, a expressão «Somos todos macacos», que compõe a *hashtag* #SomosTodosMacacos, é uma forma intertextual porque pode remeter: (i) tanto ao intertexto «Somos todos iguais», lema do igualitarismo, segundo o qual todos os cidadãos de uma nação são socialmente iguais; (ii) quanto aos intertextos *Somos todos N*, que, estando ligados a contextos específicos, expressam, em última instância, solidariedade em relação a vítimas (referidas por uma expressão nominal *N*) que sofreram algum incidente socialmente relevante, como nos enunciados «Somos todos Aylan Kurdi»¹ e «Somos todos Charlie [Hebdo]»², entre outros (Parintins Lima 2019, p. 96).

No caso dos artigos de opinião aqui analisados, as formas intertextuais também conectam o texto corrente com a *hashtag* #SomosTodosMacacos, sinalizando afiliações/alinhamentos ou não afiliações/desalinhamentos do (autor do) artigo ao sentido atribuído por este à *hashtag*. Conforme nossa pesquisa de doutorado (Parintins Lima 2019, p. 24), «os usos de formas intertextuais são estratégias que indiciam textualmente determinados pontos de vista em relação à (ao texto da) #SomosTodosMacacos». Essa afirmação pode ser confirmada nos próprios títulos dos artigos analisados, que já indicam seu (des)alinhamento à *hashtag* (ver Tabela 1).

Baseado em Koch, Bentes e Cavalcante (Koch 2004; Koch, Bentes e Cavalcante 2008), Piègay-Gros (1996) e Grésillon e Maingueneau (1984), listamos (Parintins Lima 2019) as seguintes categorias de formas intertextuais: citações, *détournements*, retomadas e alusões intertextuais.

Na pesquisa de doutorado mencionada, definimos a citação como «uma forma intertextual que retoma, por meio da transposição total ou parcial do intertexto (citação direta) ou por meio de paráfrase (citação indireta), aquilo que foi dito por um enunciador-fonte, o qual pode ser ou não explicitado» (Parintins Lima 2019, p. 135). A definição de *détournement*, por sua vez, expressão formulada inicialmente por Grésillon e Maingueneau (1984), é apresentada por nós (Parintins Lima 2019, p. 137) da seguinte forma:

O détournement é qualquer uso do intertexto por meio de alteração ou «adulteração» da sua forma linguística, implicando a criação de formas intertextuais com outros sentidos linguístico-textuais e/ou pragmáticos, orientando «a construção de novos sentidos pelo interlocutor» (Koch, Bentes & Cavalcante 2008, p. 45) e realizando, na maioria das vezes, desalinhamentos aos sentidos atribuídos ao

¹ Expressão utilizada após Aylan Kurdi, menino de 3 anos de idade, refugiado sírio, afogar-se na tentativa de atravessamento, por meio de barco, da península de Bodrum, na Turquia, para a ilha grega de Kos, em 2015.

² Expressão utilizada após o atentado contra a sede da revista satírica francesa *Charlie Hebdo*, por fundamentalistas religiosos muçulmanos, em 2015, em reação às publicações da revista sobre o islamismo.

intertexto. As alterações que são operadas pelo détournement consistem em operações de retextualização (Marcuschi 2000) formalizadas por substituição (de fonemas, de palavras), acréscimo (de formulação adversativa, por inversão da polaridade afirmação/negação etc.) e supressão ou transposição (a partir de provérbios, frases feitas, títulos de filmes, de textos ou títulos literários, de hinos, de fábulas etc.) (Frasson 1992; Koch 2004; Koch, Bentes & Cavalcante 2008). São exemplos de détournement de desalinamento, «Não somos todos macacos» (por acréscimo de item linguístico) e «Somos todos bananas» (por substituição), cujo intertexto é «Somos todos macacos».

A retomada intertextual (doravante apenas «retomada»), outro tipo de forma intertextual, é definida inicialmente por Koch, Bentes e Cavalcante (2008) «como um processo intertextual explícito que ocorre nas conversações, em decorrência do acesso imediato aos enunciadores-fonte» (Parintins Lima 2019, p. 137). Observamos (Parintins Lima 2019, p. 137), no entanto, que:

A retomada, no entanto, pode se dar fora de conversações, como em muitos casos de produção textual escrita, em que o intertexto é retomado sem identificação da fonte (como no título «Somos todos macacos» do texto 1 do corpus), que retoma e se alinha ao enunciado «Somos todos macacos» anteriormente produzido por NJ [Neymar Júnior] em sua postagem no Instagram. Nesse caso, no entanto, trata-se de um processo implícito, pois a fonte do intertexto não é explicitada.

Por fim, a alusão intertextual (doravante apenas «alusão»), com base nos autores acima referidos, consiste em:

No que diz respeito a processos de intertextualidade, a alusão consiste na relação entre o enunciado em foco e um outro, que só é reconhecível «para quem tem conhecimento do texto-fonte» (Koch, Bentes & Cavalcante 2008, p. 123). Uma forma de melhor identificar a alusão é compreender que ela se dá por meio da referência a entidades presentes em determinado intertexto, sem que, no entanto, a presença mesma do referente no texto fonte, isto é, a relação entre referente e texto-fonte seja amplamente conhecida, embora o referente possa ser conhecido; exige-se apenas que o intertexto seja, como alertam Koch, Bentes & Cavalcante (2008, p. 123), fortemente reconhecível «para quem tem conhecimento do texto-fonte» (Parintins Lima 2019, pp. 138-139).

Na seção de análise dos artigos de opinião, neste trabalho, será feita referência a essas categorias intertextuais, considerando as definições acima expressas.

3. A QUESTÃO DA CATEGORIZAÇÃO RACIAL NO BRASIL

Conforme indicamos em nossa tese de doutorado (Parintins Lima 2021, p. 5):

Em relação à definição de raça e de racismo aqui assumida, adotamos aquela geralmente desenvolvida por abordagens [concepções] socio-históricas construcionistas, hoje predominantes, segundo as quais raça e racismo são concebidos como categorias historicamente estáveis, mas flexíveis e situadas (Bethencourt 2018 [2016]; Whitehead 2018). Guardadas as diferenças teóricas, raça é geralmente entendida como uma construção socio-histórico-cultural (por exemplo, em Stepan (2005 [1991]); Munanga (1999; 2003) e Bonilla-Silva (2020 [2018]), o que significa dizer que ela não é um atributo biológico e que suas formas de emergência nas práticas sociais em que é apresentada como relevante estão inseridas em contextos textuais-discursivos e histórico-culturais particulares e inter-relacionados (Bethencourt 2018 [2016]; Parron 2020).

Na concepção de raça adotada aqui, entende-se, portanto, que ela é uma forma de categorização dos seres humanos sensível a determinada cultura e ao contexto socio-histórico em jogo. Muito já se discutiu sobre essa forma de categorização humana. Francisco Bethencourt (2018 [2016]) é um dentre muitos autores que se dedica à história do racismo e à noção histórico-cultural que o fundamenta, a raça. Interessa a este trabalho, nesta seção, explicar como se entende a categorização racial no caso do Brasil de hoje.

A questão da categorização racial hoje no Brasil é de interesse principal para as políticas públicas sensíveis à questão racial. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), por exemplo, é um órgão governamental que busca mapear a população brasileira em relação a vários de seus aspectos, dentre eles a categoria racial ou de cor. Atualmente, o seu método principal de identificação racial é a autodeclaração. Agentes do IBGE visitam os domicílios brasileiros para perguntar, dentre outras coisas, como o entrevistado se declara em termos étnico-raciais: como negro (preto ou pardo), como indígena, como amarelo ou como branco. Uma discussão desenvolvida em publicações do IBGE é sobre a questão da heterodeclaração/heteroidentificação racial (doravante «heterocategorização (racial)»): como os outros identificam ou categorizam racialmente determinada pessoa.

O estudo de Teixeira, Beltrão e Sugahara (2013), baseado em entrevistas, sugere que, no Brasil, a autocategorização/classificação racial tem como critérios principais a marca (quer dizer, as características físicas de si mesmo), a origem e o posicionamento ideológico da pessoa (autodeclaração baseada em posicionamento político quanto ao racismo no Brasil).

Os dados obtidos pelos autores apontam que, ao se referir a outras pessoas, o primeiro e o segundo critério mais importantes de classificação racial é a marca

(70,0% e 46,3%) e o terceiro é a origem (38,8%). Quando a questão é sobre o próprio entrevistado, o primeiro e o segundo critérios mais importantes são também a marca (60,3% e 42,1%) e o terceiro também a origem (30,6%).

Não apenas a categorização racial, mas o próprio preconceito ligado à raça ou à cor também se baseia na marca. O primeiro a apontar isso foi Oracy Nogueira (1985). Para ele, o preconceito racial no Brasil seria de marca, e não de origem. Quer dizer, o preconceito racial seria ensejado pela percepção das características físicas da vítima, principalmente a cor da pele. A cor da pele e/ou outras características indicariam preconceitos e engatilhariam discriminações baseadas em estereótipos do tipo: as pessoas negras são pobres, afeitas a determinados crimes, à preguiça e/ou não detentoras de muita inteligência, etc.

Esse preconceito estaria baseado na forma de categorização racial, que é pela marca. Assim, mesmo que determinado brasileiro tenha origens africanas (é um afrodescendente, portanto), se suas origens europeias permitiram que tenha nascido com pele clara e/ou com características fortemente europeias, essa pessoa tenderia a não ser reconhecida como negra. Da mesma forma, ela também tenderia a não se ver e a não ver aqueles com características prevalentemente europeias (pele branca, principalmente) como negros.

Com o crescimento histórico do movimento negro no Brasil, as pessoas não retintas, não pretas, «mulatas» ou de pele «morena» passaram a ser cada vez mais vistas como negras, como forma de afirmar sua ascendência africana, em vez de rejeitá-la. Essas pessoas teriam a marca dessa ascendência em termos de cor de pele. Nesse sentido, as «marcas negras» indiciam a origem africana, mas a origem africana nem sempre deixa marcas muito fortes, caso a origem europeia se faça mais presente em termos de fenótipo.

O conceito biológico de fenótipo é, por isso, hoje evocado nos casos de fraude nos processos de admissão a universidades que adotam a política afirmativa de cotas raciais. Depois que essa política foi implementada no Brasil, surgiram muitas denúncias de fraudes: pessoas brancas autodeclarando-se negras como forma de obter alguma facilidade para entrar em alguma universidade brasileira. Foi em resposta a esses casos de fraude que começaram a ser discutidas e foram implantadas as «comissões de heteroidentificação», por meio das quais um grupo de pessoas, de diferentes setores da sociedade, geralmente especialistas na questão racial brasileira, verifica a veracidade da autodeclaração dos candidatos à universidade. O critério recomendado é o fenotípico. Ou, em outras palavras, um critério de marca.

A heterocategorização empreendida pela banca é evidentemente (inter) subjetiva, uma vez que a raça, sendo uma construção social, não é um dado da natureza. Por essa razão, a decisão das comissões é situada, não válida como documento de categorização racial vitalício. A heterocategorização, assim como

a autocategorização, ocorre ao longo da vida das pessoas, a partir do momento em que elas são vistas por outros e quando essa categorização é tornada relevante. No caso do presente estudo, o autor do estudo empreendeu a heterocategorização racial dos autores dos artigos de opinião analisados, a partir de suas imagens disponíveis na *Internet*. Esse método, é claro, tem algumas limitações, conforme se comenta mais adiante.

4. DADOS ANALISADOS

Para este estudo, foram analisados 10 artigos de opinião publicados em revistas, jornais e portais de notícia relevantes no Brasil, entre 27 de abril e 3 de maio de 2014, uma semana depois da divulgação da *hashtag* #SomosTodosMacacos na rede social *Instagram*. Uma vez coletados, observou-se que são textos não racistas, uma característica comum a esses artigos de opinião, no sentido de que se contrapõem ao racismo. Os autores dos textos são profissionais da área de Humanidades, jornalistas, ativista, advogado e escritora.

O *corpus* construído, intitulado *Somos Todos Macacos*, ou *corpus* #STM, resultou na seguinte configuração de textos:

Tabela 1. Artigos de opinião do *corpus* #STM

Sigla	Título	Autor	Profissão	Suporte	Identificação do suporte	Data de publicação
T1	<i>Somos todos macacos</i>	Emir Sader	Cientista, político e sociólogo	Portal de notícias	<i>Carta Maior</i>	2014-04-28
T2	<i>#SomosTodosMacacos CoisaNenhuma</i>	Marcos Sacramento	Jornalista	Portal de notícias	<i>Diário do Centro do Mundo</i>	2014-04-28
T3	<i>Contra o racismo, nada de bananas, nada de macacos, por favor!</i>	Douglas Belchior	Ativista e professor de História	Revista	<i>Carta Capital</i>	2014-04-28
T4	<i>Não somos macacos</i>	Breiller Pires	Jornalista	Revista	<i>Placar</i>	2014-04-28
T5	<i>#somentodosbananas</i>	Mirelle Martins	Jornalista	Portal de notícias	<i>HuffPostBrasil</i>	2014-04-28
T6	<i>#somentodoshumanos</i>	Hélio Silva Jr.	Advogado	Jornal	<i>Folha de S. Paulo</i>	2014-04-29
T7	<i>Somos Todos Macacos</i>	Artur Xexéo	Jornalista	Jornal	<i>O Globo</i>	2014-04-30
T8	<i>Somos todos macacos?</i>	Devisom Campos	Cientista de Comunicação	Jornal	<i>Zero Hora</i>	2014-04-30
T9	<i>A bananização do racismo</i>	Ana Maria Gonçalves	Escritora	Portal de notícias	<i>Geledés</i>	2014-05-01
T10	<i>Racismo não</i>	Camila Brandalise	Jornalista	Revista	<i>ISTOÉ</i>	2014-05-03

A composição racial e de gênero identificada dos autores do texto, de acordo com a heterocategorização empreendida na pesquisa, foi a seguinte:

Tabela 2. Composição de sexo/gênero e cor dos autores

Heterocategorização racial/categorização de gênero	Homens	Mulheres	Total
Branços	2	1	3
Negros	5	2	7

Fonte: elaborado pelo autor

Dentre os produtores dos artigos de opinião, há:

- 5 homens negros (Marcos Sacramento, Douglas Belchior, Hédio Silva Júnior, Devisom Campos e Breiller Pires);
- 2 mulheres negras (Mirelle Martins e Ana Maria Gonçalves);
- 2 homens brancos (Emir Sader, Artur Xexéo);
- 1 mulher branca (Camila Brandalise).

Vale notar que, na pesquisa de doutorado, havíamos inicialmente heterocategorizado o autor Breiller Pires, por meio das imagens acessadas então, como homem branco. Nesse caso, haviam sido contabilizados 4 homens negros e 3 homens brancos. Esses números estão sendo atualizados neste estudo para 5 e 2, respectivamente. Como o contato com os autores não foi possível, não lhes foi solicitada a autocategorização racial. Para estudos futuros, para verificar as hipóteses construídas a partir deste estudo, será necessário considerar também a autocategorização.

5. FORMAS INTERTEXTUAIS E HETEROCATEGORIZAÇÃO RACIAL

Os artigos de opinião analisados sobre a *hashtag* #SomosTodosMacacos afiliam-se ou não aos sentidos atribuídos a ela. No gráfico a seguir, apresenta-se o número de textos que realizam a afiliação/alinhamento e a não afiliação/desalinhamento à *hashtag*:

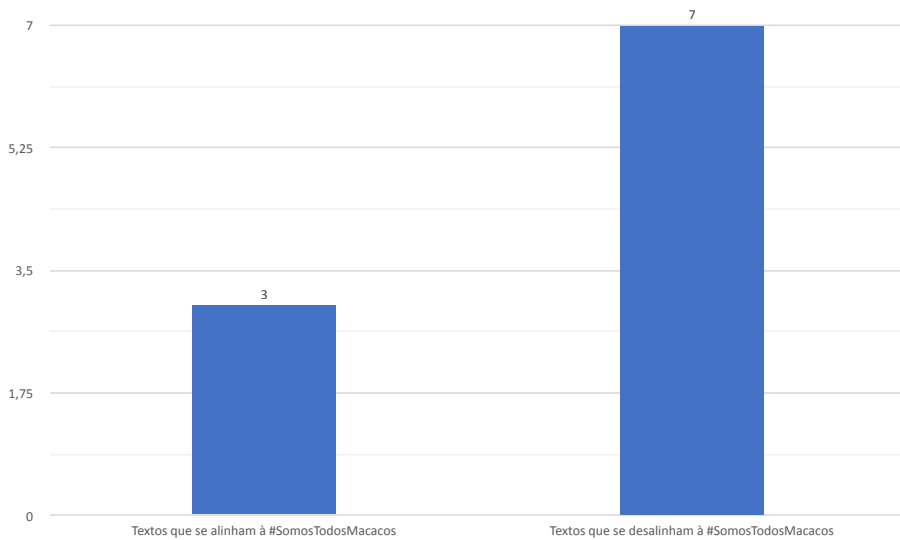


Fig. 1. Quantidade de textos de (des)alinhamento à #SomosTodosMacacos

Fonte: Parintins Lima 2019

Como se pode observar, a maioria dos textos desalinha-se à *hashtag*. Esses (des)alinhamentos podem ser inferidos por meio dos próprios títulos dos artigos (com a única exceção de T10):

Tabela 3. Títulos, tipo de forma intertextual e (não)afiliação à hashtag #SomosTodosMacacos

Texto	Título	Tipo de forma intertextual	(Não) afiliação
T1	<i>Somos todos macacos</i>	Citação	Alinhamento
T2	<i>#Somos todos macacos coisa nenhuma</i>	<i>Détournement</i>	Desalinhamento
T3	<i>Contra o racismo, nada de bananas, nada de macacos, por favor!</i>	Alusão	Desalinhamento
T4	<i>Não somos macacos</i>	<i>Détournement</i>	Desalinhamento
T5	<i>#somostodosbananas</i>	<i>détournement</i>	Desalinhamento
T6	<i>Somos todos humanos</i>	<i>détournement</i>	Desalinhamento
T7	<i>Somos todos macacos</i>	Retomada	Alinhamento
T8	<i>Somos todos macacos?</i>	<i>Détournement</i>	Alinhamento
T9	<i>A bananização do racismo</i>	Alusão	Desalinhamento
T10	<i>Racismo não</i>	–	Alinhamento

Fonte: elaborado pelo autor

No caso dos textos que se alinham à *hashtag* — quer dizer, que assumem o seu caráter antirracista e a legitimidade da reação de Neymar ao racismo sofrido por Daniel Alves expressa por meio da *hashtag* —, os 3 (textos) são dos autores brancos. No entanto, alinhando-se à *hashtag* #SomosTodosMacacos, 2 deles se alinham a um antirracismo importante: tanto o sociólogo Emir Sader (T1) quanto a jornalista Camila Brandalise (T10) chamam a atenção para o caráter internacional, histórico e sociopolítico do racismo e do antirracismo.

No T1, de Emir Sader, encontram-se, por exemplo, as seguintes formas intertextuais:

Tabela 4. Formas intertextuais de T1

Ocorrências
«Somos todos macacos»
«[...] assumindo que “somos todos macacos”»
«Neymar declarou: Somos todos macacos»

Fonte: Parintins Lima 2019

Como se pode observar, encontram-se, no texto 1, uma retomada («Somos todos macacos») e duas citações («assumindo que “somos todos macacos”» e «Neymar declarou: Somos todos macacos»). Observe-se a seguir o contexto da citação «Neymar declarou: Somos todos macacos» no texto 1:

Exemplo 3:

Texto 1

Título: *Somos todos macacos*

Autor: sociólogo branco Emir Sader

Data: 28/04/2014

Local: *Carta Maior*

Parágrafo 1:

Depois da enésima vez que jogaram bananas contra jogadores negros na Europa, Daniel Alves resolveu comer a banana e Neymar declarou: «Somos todos macacos». É o começo da reação, que os próprios europeus parecem incapazes de fazer, contra a discriminação nos campos de futebol, que é apenas a extensão da vida cotidiana em países que se consideram «brancos e civilizados».

Nesse exemplo, observa-se que o texto identifica as ações de Daniel Alves e a «declaração» de Neymar de que «Somos todos macacos», expressa pela forma

intertextual, como «o começo da reação [...] contra a discriminação nos campos de futebol».

No caso dos sete textos que se desalinham à *hashtag*, os sete autores deles são negros, como no caso de T2, cujas formas intertextuais encontradas são apresentadas a seguir, na Tabela 5:

Tabela 5. Formas intertextuais de T2

Ocorrências
«#Somos Todos Macacos Coisa Nenhuma»
«[...] nós, negros e pardos, não somos e nem gostamos de ser chamados de macacos»
«a hastag “somostodosmacacos”»
«Admitir que “somos todos macacos”»
«Como eles dizem, “somos todos macacos”»

Fonte: Parintins Lima 2019

A seguir, apresenta-se também um exemplo dessas formas intertextuais em T2:

Exemplo 4:

Texto 2

Título: *Somos todos macacos*

Autor: jornalista negro Marcos Sacramento

Data: 28/04/2014

Local: *Diário do Centro do Mundo*

Parágrafo 1:

A reação foi rápida. Horas depois de Daniel Alves reagir com maestria a uma provocação racista, Neymar postou no Instagram uma foto segurando uma banana com a hashtag «somostodosmacacos». O protesto viralizou e ganhou a adesão de famosos: Luciano Huck e Angélica, Ivete Sangalo, Alexandre Pires e até Inri Cristo posaram com a banana.

Parágrafo 2:

Seria tudo lindo e altruísta não fossem duas coisas.

Parágrafo 3:

A primeira é que nós, negros e pardos, não somos e nem gostamos de ser chamados de macacos.

Nota-se, no terceiro parágrafo do texto acima, que o autor entende que o enunciado «somos todos macacos», citado no primeiro parágrafo pela forma intertextual «hashtag “somostodosmacacos”», é uma forma de «chamar os negros e pardos de macacos», o que aponta o desalinhamento do texto à *hashtag*, ainda que ela seja vista também como uma forma de «protesto» e que teria chance inicial de ser «linda e altruísta».

Embora este se trate de um estudo de caso, estes dados sugerem que perspectivas raciais diferentes tendem a dar respostas diferentes a eventos ligados a racismo, pelo menos neste caso. A categorização racial dos autores pode ser relevante para o (des)alinhamento à *hashtag*, cujo antirracismo é considerado questionável por evocarem a representação racista do negro como macaco. Os autores negros assumiram um posicionamento mais crítico em relação ao racismo implícito no intertexto «somos todos macacos», por meio do desalinhamento indicado por diversas construções textuais, dentre elas as formas intertextuais de desalinhamento (como «somos todos macacos coisa nenhuma» e «não somos macacos»).

CONCLUSÕES

Embora tais resultados ainda precisem ser mais bem verificados e discutidos em outros textos e contextos, os dados sugerem que há uma relação entre categoria racial e (des)alinhamento ao racismo. As categorizações raciais podem ser fatores de (des)alinhamentos a intertextos racistas. Provavelmente, essa relação se pauta nas trajetórias e experiências de militância ou de discussão dos autores negros envolvidos com a temática. Conclui-se que esses resultados colaboram para a compreensão do funcionamento textual da relação entre categorização racial e construção textual do antirracismo, na medida em que indicam que as categorizações raciais podem ser fatores de (des)alinhamentos a intertextos racistas.

FONTES

NEYMAR JÚNIOR, 2014a. [#SomosTodosMacacos] [postagem]. Em: *Instagram* [Em linha]. [Consult. 2023-09-14]. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/nTvbI8Rth0/>.

NEYMAR JÚNIOR, 2014b. [#SomosTodosMacacos] [postagem]. Em: *Instagram* [Em linha]. [Consult. 2023-09-14]. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/nT1mL6xtty/>.

BIBLIOGRAFIA

- ANTOS, Gerd, 1997. Texte als Konstitutionsformen von Wissen Thesen zu einer evolutionstheoretischen Bedründung der TextLinguistik. Em: Gerd ANTOS, e Heike TIETZ, ed. *Die Zukunft der Textlinguistik. Traditionen, Transformationen, Trends*. Tübingen: Niemeyer.
- BETHENCOURT, Francisco, 2018 [2016]. *Racismos: das cruzadas ao século XX*. São Paulo: Companhia das Letras.
- BEAUGRANDE, Robert de, 1997. *New foundations for a Science of Text and Discourse: Cognition, Communication, and Freedom of Access to Knowledge and Society*. Norwood, New Jersey: Alex.
- GRÉSILLON, Almuth, e Dominique MAINGUENEAU, 1984. Polyphonie, proverbe et détournement ou un proverbe peut en cacher un autre. *Langages* [Em linha]. (73), 112-125. [consult. 2023-09-13]. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/lgge_0458-726x_1984_num_19_73_1168.
- KOCH, Ingedore Villaça, 2004. *Introdução à Linguística Textual: trajetória e grandes temas*. São Paulo: Martins Fontes.
- KOCH, Ingedore Villaça, Anna Christina BENTES, e Mônica CAVALCANTE, 2008. *Intertextualidade: diálogos possíveis*. São Paulo: Cortez.
- MAINIERI, Tiago, e Rhayssa Fernandes MENDONÇA, 2014. A Internet como espaço de mobilização: a marca Use Huck e a apropriação da campanha «Somos Todos Macacos». *Comunicação & Informação* [Em linha]. 17(2), 187-201 [consult. 2024-03-07]. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/ci/article/view/32573>.
- MUNANGA, Kabungele, 1999. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Petrópolis: Vozes.
- NOGUEIRA, Oracy, 1985. *Tanto preto quanto branco: estudo de relações raciais*. São Paulo: T. A. Queiroz.
- OSORIO, Rafael Guerreiro, 2013. A classificação de cor ou raça do IBGE revisitada. Em: José Luís PETRUCCELLI, e Ana Lucia SABOIA, ed. *Características étnico-raciais da população: classificações e identidades*. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
- PARINTINS LIMA, Rafahel Jean, 2021. Aspectos sociocognitivos de representações racistas na linguagem metafórica. *Cadernos de Linguística*. 2(4), 4:e515 [consult. 2023-09-13]. Disponível em: <https://cadernos.abralin.org/index.php/cadernos/article/view/515>.
- PARINTINS LIMA, Rafahel Jean, 2019. *A construção textual e sociocognitiva do racismo em (des) alinhamentos à hashtag #SomosTodosMacacos*. Tese de doutoramento, Universidade Estadual de Campinas.
- PIÉGAY-GROS, Nathalie, 1996. *Introduction à l'intertextualité*. Paris: Dunod.
- SANTOS, Tarcyanue Cajueiro, 2014. Alteridade no futebol: a campanha #somostodosmacacos de Neymar: uma reflexão sobre o racismo no futebol. *REU*. 40(2), 309-321 [consult. 2023-09-13]. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/reu/article/view/2134>.
- TEIXEIRA, Moema De Poli, Kaizô Iwakami BELTRÃO, e Sonoê SUGAHARA, 2013. Além do preconceito de marca e de origem: a motivação política como critério emergente para classificação racial. Em: José Luís PETRUCCELLI, e Ana Lucia SABOIA, ed. *Características étni-*

co-raciais da população: classificações e identidades. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

WHITEHEAD, Kevin A., 2018. Discursive approaches to race and racism. Em: Howard GILES, e Jason HARWOOD, ed. *The Oxford Encyclopedia of Intergroup Communication*. New York: Oxford University Press, pp. 324-339.